

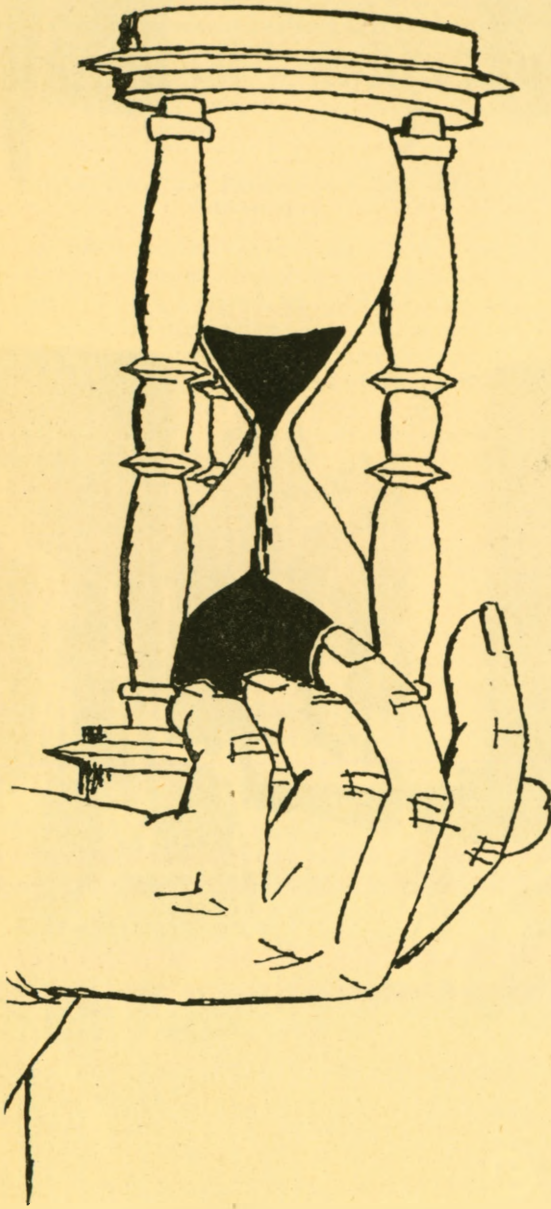


Ministério

Adventista

Novembro-Dezembro de 1968

O Tempo é Curto



“ESTAMOS mesmo no limiar do tempo de angústia, e acham-se diante de nós perplexidades com que dificilmente sonhamos. Um poder de baixo está levando os homens a guerrear contra o Céu. Os seres humanos confederam-se com agentes satânicos para anular a lei de Deus. Os habitantes do mundo depressa se vão tornando como os do tempo de Noé, que foram exterminados pelo dilúvio, e como os de Sodoma, que foram consumidos por fogo que caiu do céu. Os poderes de Satanás estão a trabalhar para conservar o espírito dos homens alheio às realidades eternas. . . .

“Neste tempo — tempo de alarmante iniquidade — uma nova vida, provinda da Fonte de toda a vida, deve tomar posse dos que têm no coração o amor de Deus, e devem eles

sair a proclamar com poder a mensagem de um Salvador crucificado e ressurgido. Devem fazer esforços fervorosos, incansáveis, para salvar almas. Seu exemplo deve ser de molde a exercer influência eficaz para o bem, naqueles que os rodeiam. Devem ter por perda tôdas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus nosso Senhor.” — Testemunhos Seletos, Vol. 3, págs. 306 e 307.

Esparzidos - Reunidos

EDITORIAL

ENOCH DE OLIVEIRA

O APÓSTOLO S. Pedro dirige a sua primeira epístola universal "aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia." (Cap. 1:1.) Com efeito, poucas expressões seriam mais adequadas para exprimir a situação da Igreja no mundo.

Durante anos os cristãos que viviam em Jerusalém pareciam tão satisfeitos com o privilégio de integrar a comunidade cristã naquela cidade, que se olvidaram de que a grande comissão divina era ir por todo o mundo. Não lhes agradava tomar voluntariamente o caminho da dispersão. Porém, de maneira providencial, eles foram expulsos de Jerusalém, pela perseguição, e se tornaram peregrinos, exilados e dispersos em todos os quadrantes do grande império.

Deus dera a Adão a ordem de frutificar, multiplicar e encher a Terra, mas os seus descendentes planejaram edificar uma cidade tendo como propósito mantê-los reunidos, impedindo deste modo a dispersão. Deus, entretanto, frustrou os seus intentos, espalhando-os sobre a Terra. O mesmo ocorreu com a Igreja. Disse Jesus: "Ide por todo o mundo," e a Igreja se concentrou em Jerusalém, fugindo à dispersão. Mas, sobreveio ao cristianismo a perseguição que culminou com o martírio de Estêvão. Daquele tempo a esta parte, os cristãos têm sido em toda parte nada mais que "estrangeiros dispersos," peregrinos e forasteiros em um mundo entenebrecido pelo pecado.

Na exegese da parábola do trigo e do joio (S. Mat. 13:36-43), "o campo é o mundo e a boa semente são os filhos do reino." Semear e dispersar são, em certo sentido, sinônimos. Cristo não somente semeou o mundo com a verdade, mas também espalhou "os filhos do reino." E por ocasião de Sua vinda, Ele enviará os Seus anjos, "os quais ajuntarão os Seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade." S. Mat. 24:31. Inferimos da leitura do texto que o período da dispersão cessará

com a grande reunião dos redimidos, de acordo com os supremos desígnios de Deus.

A conclusão natural de tudo isto é que agora somos "estrangeiros dispersos" em todo o mundo, e que através dessa dispersão a Igreja cumprirá a missão que lhe foi cometida.

Se esta conclusão é correta, dela podemos derivar algumas idéias capazes de esclarecer o papel do leigo na Igreja.

Primeiro, durante os seis dias da semana a Igreja se encontra dispersa. No sábado reúne-se para, através da pregação, da Santa Ceia e dos demais atos de culto, renovar o senso de sua missão para com o mundo.

Segundo, é preciso que o ministro esteja à altura de dar, pela pregação, aos membros reunidos, uma clara perspectiva da posição de cada crente na estratégia missionária da Igreja. Comparando a Igreja a um exército, diríamos ser a congregação local uma espécie de pelotão, com soldados combatendo em diferentes trincheiras. A reunião de sábado seria a vinda ao arsenal, cabendo ao ministro fornecer as armas necessárias para as rudes batalhas contra as forças hostis do mundo. Em realidade são os leigos que, através da semana, em suas atividades diversas, sofrem o impacto de um mundo adverso e hostil.

Terceiro, se a missão da Igreja é realizada através da dispersão, ministros e leigos somos todos missionários, uma vez que todos somos enviados ao mundo. Porém, é oportuno que se acenue, as possibilidades do ministro de chegar mais diretamente ao mundo são mais limitadas. É através da interpretação dos leigos que a mensagem se torna mais relevante para o mundo atual e para o homem contemporâneo.

Saibamos, pois, como ministros, durante os momentos de reunião, alimentar os crentes e inspirar a grei, para que durante o período da dispersão — os seis dias da semana — possam eles fazer de seu lugar na sociedade e no mundo, uma cabeça de ponte do reino de Deus.



Então! Estás no Ministério?

LYNDON K. MCDOWELL

Do Departamento de Teologia do Colégio Helderberg,
África do Sul

NESTES dias de estonteantes conflitos políticos, sociais, ideológicos e econômicos, sou constantemente incentivado a examinar o meu ministério. Faz vinte e dois anos que estou labutando nesta Causa, mas agora, como jamais no passado, procuro uma resposta para algumas questões muitíssimo profundas e penetrantes. Que é o ministério? É algo diferente agora do que era nos tempos apostólicos? Como posso tornar o meu ministério mais poderoso e eficiente?

Na adolescência, eu sentia palpitante desejo de fazer alguma coisa para Deus. Isto reclamava uma manifestação exterior. Senti prontamente crescente anseio de pregar. À medida que o tempo foi passando, quase não podia conter-me. Nada conseguia deter êsse anseio. Comecei a compreender a forte emoção que deve ter-se apoderado da alma de Paulo, ao exclamar: "Sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o Evangelho!" I Cor. 9:16.

O bondoso pastor da igreja a que eu pertencia reconheceu essa excitação em meu íntimo. Concedeu-me muitas oportunidades pelas quais sempre me mostrarei agradecido. Pouco tempo depois parti de casa para ir a um de nossos colégios e matriculei-me no curso ministerial. Descobri que o fardo de meu coração era partilhado por outros. Eles também sentiam o impulso de pregar. Não era isto uma evidência do chamado de Deus?

Recuperando a Função Mais Natural

Vários deveres absorvem o tempo e a atenção do ministro. Existe o perigo de ficarmos tão envolvidos com uma série de deveres materiais e ministeriais, que tenhamos bem pouco tempo para o aspecto mais essencial do ministério: pregar. Creio que precisamos recuperar o verdadeiro lugar da pregação na estrutura completa do Evangelho. Acaso não é a pregação a função

O MINISTÉRIO ADVENTISTA

mais natural do ministério? Cristo não começou o Seu ministério pregando? Mais tarde Ele mandou que os discípulos fizessem o mesmo: "A medida que seguides, pregai que está próximo o reino dos Céus." S. Mat. 10:7. "O que vos digo às escuras, dizei-o à plena luz; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o (pregai-o, na versão de Almeida, antiga) sobre os telhados." Verso 27. Depois de Sua ascensão, é bem evidente que o conceito do ministério na igreja primitiva era que Ele consistia grandemente de pregação. "Os que foram dispersos iam por toda parte pregando a Palavra." Atos 8:4. Por que faziam isso? Porque "aprouve a Deus salvar aos que creêm, pela loucura da pregação." I Cor. 1:21.

Meus companheiros de trabalho, qual é a nossa atitude com referência a essa questão? Está bem claro em nossa mente que a pregação é o meio ou o método designado por Deus para a proclamação do Evangelho eterno? Essa é em realidade a obra do ministério. O Senhor quer que haja na atualidade um grande avivamento da pregação entre nós. Pregiar deve ser a especialidade de todo homem. A verdadeira pregação do Evangelho é a dinâmica celestial para nosso mundo iludido. A esperança do homem depende da pregação, pois pela pregação do Evangelho de Jesus Cristo o homem pode encontrar uma senda aberta para libertação, vitória e paz.

Que defesa existirá para o ministério, se Ele não se caracterizar por um contínuo programa de pregação? A despeito de tudo o que tenhamos de fazer, a pregação não deve ser relegada a uma posição secundária. Pelo contrário, ela deve receber maior ênfase. A ordem de avanço da comissão de Cristo começa com a palavra "pregai."

Não Apenas Um Meio de Vida

Ora, isto nos leva a outra pergunta. O que devemos pregar? Quando Jesus enviou os Seus discípulos para pregar, eles não perguntaram o que deviam pregar. Ele lhes disse isso. "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura." S. Mar. 16:15. Tinham uma mensagem especial, não de sua própria escolha, mas da parte do Senhor. Era o Evangelho. E como o pregavam! Paulo chamou-o de "Evangelho de Cristo" (Rom. 1:16). Declara ter sido chamado e "separado para o Evangelho de Deus." Verso 1.

O que é o Evangelho? Ele não é apenas um meio de vida. É um meio de salvar a vida. O homem deve pregar o meio estabelecido por Deus para salvar a vida. Esse é o único meio. É provido por intermédio de Cristo. É por isso que Paulo o chama de "Evangelho de Cristo." O cristianismo não é apenas uma religião acerca de Cristo. Consiste em expor a reivindicação

de que Cristo é o Único que pode buscar e "salvar totalmente" os perdidos (Heb. 7:25). É possível dizer muita coisa sobre o cristianismo, sem jamais se referir a seu Evangelho salvador. Devemos realçar, salientar e esclarecer exatamente como o cristianismo é uma religião salvadora. "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." Atos 4:12.

Por que isso é verdade? Devemos mostrar que a salvação do homem não depende de filosofias, credos, sistemas, psicologia, determinadas normas ou padrões de conduta, nem mesmo da compreensão de ideais ou princípios elevados, mas antes de uma Pessoa, de um Homem, cujo nome é Jesus. Por meio de certos eventos em Sua vida, Ele libertou o homem, de maneira real e legítima, do vale da morte e o elevou aos "lugares celestiais" (Efés. 1:20). Devemos pregar esses acontecimentos, mostrando claramente como se relacionam com a salvação, pois são essas ocorrências na vida de Cristo que confirmam a validade de Seu Evangelho salvador.

Quais são essas ocorrências? Sua preexistência com o Pai, Sua atitude para com o pecado, Sua participação no conselho de paz, Seu nascimento, Sua reivindicação como Filho de Deus, Sua vida sem pecado, Sua morte vicária, Sua gloriosa ressurreição, Sua ascensão, Seu ministério mediador, Sua breve volta, Seu eterno domínio como Rei de um reino interminável.

Todos esses eventos devem ser pregados sob o aspecto do problema do pecado, da graça divina, da fé, da lei, da eleição, do novo nascimento, da expiação, da reconciliação, da nova criação, da justificação, da santificação, da unidade com Cristo e da glorificação. Paulo afirmou: "Pregamos a Cristo crucificado." I Cor. 1:23. Mas, graças a Deus, Ele não parou aí. Pregava também a ressurreição. "E foi poderosamente demonstrado Filho de Deus, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo nosso Senhor." Rom. 1:4. Para Paulo, a ressurreição demonstrava que Cristo é Deus. Ele vive! Não há equívoco a esse respeito; Cristo vive! Ele regozijava-se na certeza de que a ressurreição não só significa vida para aqueles que dormem, mas — e isso é mais importante — significa também que Cristo está vivo e que todos os homens podem ter comunhão com Ele.

O Âmagio e o Coração

Aristóteles, Platão, Agostinho e todos os demais estão mortos. Cristo está vivo! Pregamos a Cristo! Ele vive! Isto é o âmago e o coração do Evangelho. O homem pode ter comunhão com o Deus vivo. Pode falar-Lhe, andar com Ele, sentir Sua presença. Não admira que a morte e a ressurreição de Cristo fôssem os assuntos

primordiais e fundamentais pregados constantemente pelos apóstolos. Não haja dúvida quanto ao que devemos pregar. Existe muito o que dizer sobre Cristo, Suas palavras e Sua obra, em relação com os acontecimentos de Sua vida, desde agora até os intermináveis séculos da eternidade. Paulo escreveu: “Ele é a nossa paz.” Efés. 2:14. Certamente não existe outra maneira de alcançar tranquilidade mental no ministério, do que pregar a Cristo. Os mais elevados momentos de glória, no que diz respeito ao ministério, devem ser aqueles em que o ministro glorifica a Cristo. Esta é a sua incumbência. Com essa finalidade, ele nasceu, deve viver e, se fôr necessário, morrer. “Levar o homem face a face com Cristo afigura-se-vos uma questão de tão grande e preponderante urgência, que pretendes dedicar toda a vossa vida a isso, e nada mais.” — Tiago S. Stewart, *Preaching*, pág. 10.

Reavivamento de os Pregadores Pregarem a Cristo

Chegamos a um tempo em que reavivamento e reforma devem ser o ponto para onde se dirija o nosso ministério. De que outra maneira isto poderá realizar-se, a não ser que haja um reavivamento no sentido de os pregadores pregarem a Cristo? Eliminemos o que não é essencial. Devemos apegar-nos a grandes temas e torná-los gloriosos. Devemos demorar-nos no Evangelho eterno e pregar como nunca pregamos no passado. “Cristo está aí, e com urgência. O que está sucedendo com a história de Cristo?” “Abandonemos as armas obsoletas e a bagagem supérflua, e concentremo-nos nas coisas que realmente têm importância para a vida eterna e a piedade, como a reconciliação da cruz.” — P. T. Forsythe, *Positive Preaching and the Modern Mind*, pág. 192.

Muitos anos atrás dois homens andaram com Jesus em direção a Emaús. A princípio não sabiam quem Ele era. “E, começando por Moisés, percorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a Seu respeito constava em todas as Escrituras.” S. Luc. 24:27. Mais tarde eles disseram: “Porventura não nos ardia o coração, quando Ele pelo caminho nos falava, quando nos expunha as Escrituras?” S. Luc. 24:32. Fêz-se uma brecha em seus corações frios e desesperançados. Cristo constituía essa brecha. Oh! quanto os corações dos homens necessitam agora de uma brecha! Somente Cristo pode realizá-la. O coração humano se mostra frio e insensível hoje em dia. É preciso atear fogo dentro dele. Esse coração necessita do calor de uma chama que arda continuamente. Só Cristo pode produzir esse fogo. Estamos no meio de homens modernos, mas grandemente misteriosos. Acaso não conviria começarmos por Moisés e todos os profetas e pregar das Escrituras todas as coisas atinentes a Cristo? Devemos conduzir os homens através da estrada de Emaús e, pregando a Cristo, atear fogo em seus corações. Não permita Deus que o ministério seja hoje encarado de maneira diferente do que era nos dias de Cristo e dos apóstolos. Acaso não é tempo de repor a pregação no devido lugar — o primeiro, o melhor e o principal lugar de todo o nosso ministério? Então nossa obra assumirá novas dimensões. Será conhecida, poderosa e eficaz “para destruir fortalezas” (II Cor. 10:4). Existem centenas de cidades, vilas e povoações que ainda precisam ser alcançadas; regiões escuras que precisam ser iluminadas. Saiamos no nome de Cristo e puguemos em toda parte. “Quanto está em mim, estou pronto a anunciar [pregar, na versão inglesa] o Evangelho.” Rom. 1:15.

Ouvir Toda a Mensagem e não Apenas uma Parte

H. M. S. RICHARDS

UM rapaz extraviado foi-se embora de casa, não se ouvindo falar dele por muito tempo. Ao ouvir que seu pai havia morrido, ele voltou. A família reuniu-se para ouvir a leitura do testamento que, para grande surpresa de todos, falava detalhadamente do extraviado desse filho. Zangado, ele se levantou, saiu da sala, e não se ouviu mais dele por três anos. Afinal foi encontrado, sendo-lhe dito que o testamento, depois de falar de sua má conduta, havia-lhe consignado sua parte da herança. Que dores se haveria ele poupado caso simplesmente houvesse escutado todo o testamento!

O mesmo acontece com as mensagens de Deus. Elas deviam ser ditas todas, todas recebidas, tanto as recomendações como as promessas. É verdade que o velho Livro diz: “O salário do pecado é a morte,” porém acrescenta: “Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor.” Rom. 6:23.

As Duas Ceias Apocalípticas

MERLING K. ALOMIA

Pastor Distrital na Missão Norte-Peruana

DEUS nos fala em Sua Palavra acêrca de duas grandes ceias, a saber: "A ceia das bodas do Cordeiro" e "a ceia do Grande Deus." Cada uma é distinta, e não podem ser comparadas e muito menos confundidas uma com a outra.

Ambas são realizadas ao mesmo tempo, mas não no mesmo lugar. Uma é ordenada, solene, luminosa, alegre. A outra é desordenada, fúnebre, lúgubre, desoladoramente macabra.

Em ambas, os convidados nada precisam pagar para ter direito ao banquete. Só lhes é necessário aceitar o convite, visto que tudo o mais será preparado generosa e abundantemente pelo convidador.

O filho de Zebedeu, referindo-se à ceia das bodas do Cordeiro, declara o seguinte: "Bem-aventurado os que são convidados ao banquete das bodas do Cordeiro."¹ Menciona, além disso, que o prelúdio dêsse acontecimento é cheio de regozijo, tanto da parte dos convidados como da parte do Anfitrião: "Saiu uma voz do trono, exclamando: Dai louvores ao nosso Deus, todos os Seus servos, os que O temeis, os pequenos e os grandes. Então ouvi uma voz de numerosa multidão, como de muitas águas, e como de fortes trovões, dizendo: Aleluia! pois reina o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso. Alegremo-nos, exultemos, e demos-Lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja espôsa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro."²

Quem não se enche de regozijo diante de uma perspectiva tão gloriosa? Só há alegria nos corações dos convidados que por séculos têm tido a "bem-aventurada esperança"³ como seu mais precioso anelo. Que espetáculo suntuoso não será a ceia das bodas do Cordeiro — a volta completa dos pródigos ao celestial lar paterno!

E qual é o número dos convidados ali presentes? Quem são êles? O vidente de Patmos menciona que os convidados para essa ceia das bodas são uma "grande multidão que ninguém podia enumerar, de tôdas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas."⁴

Assim, portanto, o número dos convidados ali presentes excede o limite de nossa compreensão. São os remidos de todos os tempos e idades, de

cada nação, tribo, língua e povo. São os salvos que em tôdas as épocas "não amaram as suas vidas até à morte."⁵ São aquêles em cujas bocas "não se achou mentira."⁶ São aquêles cujos nomes estão "inscritos no Livro da Vida do Cordeiro."⁷ São os que "dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro."⁸ São os que mediante a graça de Deus alcançaram vitória sôbre a bêsta, e sôbre sua imagem, sôbre o seu sinal e sôbre o número do seu nome.⁹ São os resgatados do Senhor que voltam a Sião com júbilo.¹⁰ Digna companhia para o banquete celestial das bodas do Príncipe dos Céus, Cristo Jesus, o Cordeiro de Deus!

Deixemos, no entanto, por um momento as alegrias e maravilhas dessa ceia portentosa, e demos uma rápida olhada à outra: "A ceia do grande Deus."

Para ambas as ceias é feito um solene convite. À primeira não assistem todos os que foram convidados, porque menosprezaram os preparativos, a provisão cruenta e o convite pessoal do próprio Cordeiro. À outra ceia, porém, a do grande Deus, é a única a que assistem todos os convidados. Nesta ceia, cada convidado será um conviva, pois os múltiplos convidados, sem faltar um só, comparecerão ao banquete sem igual.

O mesmo apóstolo amado faz referência ao convite divino para êsse estranho e pavoroso festim. "Então vi um anjo pôsto em pé no Sol, e clamou com grande voz, falando a tôdas as aves que voam pelo meio do céu: Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus (a versão de Almeida, antiga diz: ajuntai-vos à ceia do grande Deus)."¹¹

Assim, os convidados de Deus para Sua ceia, são as aves do céu, as quais sempre têm demonstrado estar mais dispostas a obedecer a seu Criador, do que os seres humanos. Tal disposição inata de obediência ao Altíssimo foi por elas demonstrada em tempos passados, quando a arca salvadora as convidou a abrigar-se contra a fúria do dilúvio, e, em contraste com a atitude dos homens, obtiveram amparo na proteção divina, por atender obedientemente ao chamado. Agora, portanto, em virtude do convite divino, afluem em bandos incontáveis ao banquete preparado para elas.

O profeta Ezequiel, filho de Buzi, comentando este chamado, declara: "Assim diz o Senhor Deus: Dize às aves de toda espécie, e a todos os animais do campo: Ajuntai-vos e vinde, ajuntai-vos de toda parte para o Meu sacrifício, que Eu oferecerei por vós, sacrifício grande...; e comereis carne e bebereis sangue. Comereis a carne dos poderosos e bebereis o sangue dos príncipes da Terra... Comereis a gordura até vos fartardes e bebereis o sangue até vos embriagardes. A Minha mesa vós vos fartareis de cavalos e de cavaleiros, de valentes e de todos os homens de guerra, diz o Senhor Deus.¹²

Nunca dantes as aves do céu e as feras estiveram nem estarão tão bem servidas e com tanta abundância e profusão de alimento. Isto será retribuição justa àqueles que outrora tinham prazer em fazer dos cristãos comida para as feras.

Os imperadores e déspotas que no passado se deleitavam com os sofrimentos dos que expunham às feras, são agora deleite do instrumento que eles mesmos utilizavam para torturar os convidados à ceia das bodas do Cordeiro. Servem de pasto para as feras e as aves do céu na ceia do grande Deus Todo-poderoso.

Mas alguém mais está presente nesse insólito festim. Como figuras tétricas, Satanás e sua hoste de anjos maus deambulam entre os convidados para essa ceia macabra, não se deleitando mais em sua funesta obra realizada durante milênios, porém refletindo trementes e aterrados e talvez arrependidos, embora demasiado tarde, por haverem lançado sua sorte com a rebelião e o engano; e por sua própria determinação e culpa se vêm agora privados de outro festim, que em nada se compara com esse banquete fétido e macabro do qual eles mesmos são artífices e testemunhas.

Quão diferentes uma da outra são, pois, essas ceias! Aqui desolação e pestilência; no alto, regozijo e felicidade eternamente incomparáveis. Aqui, obscuridade e caos; no alto, luz e perfeição. Aqui, nenhuma expressão de alegria e prazer, nenhum brado de triunfo; só de vez em quando os grasnidos de aves enfatiadas e o rugido abafado de feras que, satisfeitas e saciadas, pisoteiam os que menosprezaram o gracioso convite do Cordeiro e recusaram assistir à ceia de Suas bodas, preferindo ser alimento das feras e das aves do céu na ceia do grande Deus.

Que contraste abismal com a outra ceia, a ceia das bodas do Cordeiro! E pensar que aqueles que servem de alimento no festim horripilante, também tiveram a oportunidade de estar no mesmo tempo sentados como convivas diante da argentífera e reluzente mesa quilô métrica do Cordeiro!¹³

Realmente, "bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro."¹⁴ Nenhuma sombra de tristeza empana o rosto de convidado algum, porque desta festa "fugirá a tristeza e o gemido,"¹⁵ e o Anfitrião, o pró-

prio Cordeiro, Cristo Jesus, teve o cuidado especial de enxugar toda lágrima dos olhos de cada um dos convidados.¹⁶ A morte e a dor, o pranto e a aflição que por milênios eles tiveram de suportar, desapareceram agora para sempre, e em lugar dessas aflições, inexprimível alegria inunda a cada um dos assistentes, e a gratidão se torna palpável em suas expressões de júbilo e prazer. Que contraste radical entre um banquete e o outro!

Vejamos como expressam sua alegria e felicidade esses convivas privilegiados: "A salvação, e a glória e o poder são do nosso Deus... Dai louvores ao nosso Deus, todos os Seus servos, os que O temeis, os pequenos e os grandes... Aleluia! pois reina o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso."¹⁷

Um momento, porém! Talvez nos estejamos adiantando demais, sem considerar os preparativos e o grandioso e incalculável preço que essa ceia extraordinária significou para o Invitante.

É verdade que para a divindade nada é difícil, mas essa suntuosa ceia exigiu séculos de preparação, e através deles, milhares de convidados foram escolhidos, e outros foram rejeitados. Em realidade, como dissera o próprio Cordeiro, "muitos são chamados, mas poucos escolhidos."¹⁸ A realização dessa maravilhosa ceia, depois de cuidadosa preparação, é a culminação feliz de um plano divino, de um plano maravilhoso que custou à Divindade o que havia de mais precioso.

O próprio Cordeiro, por extrema condescendência, teve de vir "buscar e salvar o perdido."¹⁹ Sua graça benevolente foi tal que, por amor de Seus convidados para a ceia de Suas bodas, "sendo rico, Se fez pobre," "para que pela Sua pobreza" eles se tornassem "ricos."²⁰ Incomparável condescendência essa, de esvaziar-Se a Si mesmo "assumindo a forma de servo" e "tornando-Se em semelhança de homens."²¹

Essa misteriosa metamorfose é tanto mais admirável quando se considera que "teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade."²² De tal maneira o próprio Pai amou os convidados de Seu Filho, que permitiu que Ele viesse como "impotente criancinha, sujeito à fraqueza da humanidade... com risco de fracasso e ruína eterna."²³

Contudo, essa permuta do glorioso pelo vil, do poderoso pelo débil, do celestial pelo terreno, do divino pelo humano, foi apenas o começo desse sublime drama de resgate, pois o Cordeiro, "reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até

à morte, e morte de cruz.”²⁴ E que morte foi aquela! Teve razão o apóstolo ao escrever: “Grande é o mistério da piedade.” “O profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos e quão inescrutáveis os Seus caminhos!”²⁵

“Jamais poderá o preço de nossa redenção ser avaliado enquanto os remidos não estiverem com o Redentor ante o trono de Deus. Então, ao irromperem as glórias do lar eterno em nossos arrebatados sentidos, lembrar-nos-emos de que Jesus abandonou tudo isso por nós, que Ele não somente Se tornou um exilado das côrtes celestiais, mas enfrentou por nós o risco da derrota e eterna perdição.”²⁶

Um cruento caudal carmesim fluíu torrencialmente do Cordeiro de Deus, como preço exigido para a realização dessa ceia, visto que cada convidado teve que passar através dela para a devida justificação e purificação de sua vida,²⁷ condição esta, sem a qual convidado algum poderia participar do banquete celestial. Todos êses ditos convidados “lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro.”²⁸ “Traçados com as vestes gloriosas da justiça de Cristo, participarão da ceia do Rei. Têm o direito de associar-se com a multidão lavada no sangue.”²⁹ Essa condição é muito justa e razoável, pois “nenhum traje mundano pode ser usado por quem se assentar com Cristo e os anjos na ceia das bodas do Cordeiro.”³⁰

Pouco antes de pagar êsse preço incensurável, o artífice da ceia quis mostrar a alguns convidados uma miniatura de Sua futura festa nupcial. Disse portanto para aquêles que escolheu para essa ocasião: “Tenho desejado ansiosamente comer convosco está páscoa, antes do Meu sofrimento. Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus.”³¹

Aquêles convidados nem sequer imaginavam estar representando um acontecimento grandioso: a ceia das bodas do Cordeiro. E o paciente Mestre procurou ensinar-lhes que isso era apenas uma minúscula e pálida representação do que um dia seria a mais grandiosa ceia do universo. “E digo-vos — explicou o Cordeiro — que, desta hora em diante, não beberei dêste fruto da videira, até aquêlo dia em que o hei de beber, nôvo, convosco no reino de Meu Pai.”³²

Todavia, até essa representação em nada se iguala à realidade, exceto que em ambas o próprio Cordeiro é o servidor.

Aquela noite, houve doze convidados que, tristes e pesarosos, ocuparam silenciosamente os seus lugares. A inveja roía seus corações orgulhosos, mostrando assim que muito tinham que compreender e percorrer ainda para um dia sentar-se novamente, não no aposento elevado, mas no Reino celestial, na refulgente mesa do Cordeiro. Êses ditos convidados desfrutarão da

realidade, não com tristeza e inveja, mas alegres e agradecidos; não com o Mestre que estava “profundamente triste até à morte,” mas com o Cordeiro que, “com exultação,” os apresentará “imaculados diante da Sua glória;”³³ não mais diante da sombria perspectiva de perderem a Seu amado Mestre, mas alegres e felizes, por saberem que “o Cordeiro que Se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida.”³⁴ Daí para a frente jamais serão destituídos de Sua presença, pois sempre “contemplarão a Sua face, e nas suas fronteiras está o nome d’Ele.”³⁵

Um dos doze, porém, não estará presente ao banquete celestial. Embora participasse da apresentação e ouvisse o amoroso convite pessoal do Cordeiro, desatendeu obstinadamente o chamado divino e o menosprezou. Por isso, seu lugar e sua coroa pertencem agora a outra pessoa, e êle está noutra grande ceia, como pasto para as feras. Esta é uma solene advertência para nós hoje em dia, pois não só Judas Iscariotes estará ali, mas todos aquêles que, como êle, desprezaram o convite. “Os que rejeitam o dom da justiça de Cristo estão rejeitando os atributos de caráter que os constituiriam filhos e filhas de Deus. Rejeitam aquilo que, unicamente, lhes poderia conceder aptidão para um lugar na ceia de bodas.”³⁶

Quão oportunas são as palavras do apóstolo de Tarso: “Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos.”³⁷ Sim, é necessário, é indispensável que com mais amor, com maior desejo, atendamos o incessante convite do Cordeiro: “Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com êle e êle comigo.”³⁸ Não é suficiente ouvir o Seu chamado, pois todos o ouvirão; o importante é nossa atitude para com êsse chamado do Cordeiro. “Se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, . . . cearei com êle e êle comigo.” Em outras palavras, êle estará com Jesus na ceia de Suas bodas.

Estas são as duas ceias que Deus revela em Sua Palavra. Só podemos assistir voluntariamente a uma delas, pois a “pavorosa alternativa para comer na ceia das bodas do Cordeiro é ser comido pelas aves do céu na ‘ceia do grande Deus.’”³⁹ Se não aceitarmos o bondoso e amável convite do Rei celestial para estar presentes a Sua ceia, teremos de atender invariavelmente ao chamado imperativo da outra. A qual destas ceias assistiremos nós?

O Cordeiro fêz tãda a preparação necessária para estarmos presentes na ceia de Suas bodas. “O vestido de bodas provido com infinito custo, é oferecido liberalmente a tãda alma. Pelos mensageiros de Deus nos são expostas a justiça de Cristo, a justificação, as excelentes e preciosas

Desde Dã até Berseba

ITANEL FERRAZ

Evangelista da União Sul-Brasileira

LONGA caminhada do Sul ao Norte da Palestina, estradas empoeiradas, ásperas, tortuosas e escaldantes! Qualquer viajante em perspectiva, ao pensar em uma tal viagem, seria vencido pelo desalento.

Mas, o que diríamos se um pastor convidasse um membro da igreja para uma viagem dessa natureza? Por certo encontraria resistência, e isto seria natural. Não raro, entretanto, encontramos nos púlpitos viagens como essa. O pastor fala sobre temas do Gênesis ao Apocalipse e, em sua falta de concentração preparatória do sermão, apela para Abraão, José, Moisés, Gideão, e alinha todos os heróis até o Apocalipse.

Desfere golpes à direita e à esquerda e não sabe a quem tem como adversário. Vai à frente e recua na sua luta, apela para experiências demais conhecidas e assim continua, como que correndo sem destino. Os membros se esforçam por acompanhá-lo e alguns meditam sobre onde deseja ir o pastor, mas não descobrem.

Um rapaz voltou da igreja, e sua mãe que não pôde ir à reunião perguntou-lhe: — Sobre que pregou o pastor?

— Não sei, falou uma porção de coisas.

Triste relato êste.

As companhias anunciam nos jornais com semanas e até meses de antecedência as escalas dos navios, dando-nos assim uma notável lição de programa e preparo prévio.

A falta de direção nos sermões se deve em grande parte à falta de programa na vida do obreiro, e isto se reflete no púlpito.

As grandes viagens cansam o rebanho. Desde Dã até Berseba se perde o interesse de muita gente.

promessas da Palavra de Deus, o livre acesso ao Pai por Cristo, o conforto do Espírito, e a bem fundada certeza da vida eterna no reino de Deus. Que poderia Deus fazer por nós, que não tenha feito em prover a grande ceia, o banquete celestial?" 40

Tu e eu também devemos estar presentes com o Cordeiro, na grandiosa ceia de Suas bodas.

Referências

1. Apocalipse 19:9, Versão Católica de Nácar-Colunga.
2. Apocalipse 19:5-7.
3. Tito 2:13.
4. Apocalipse 7:9.
5. Apocalipse 12:11, Versão de Almeida, antiga.
6. Apocalipse 14:5.
7. Apocalipse 21:27.
8. Apocalipse 14:4.
9. Apocalipse 15:2.
10. Isaías 51:11.
11. Apocalipse 19:17.
12. Ezequiel 39:17-20 (Ver também Apocalipse 19:17, 18 e 21.)

13. Ellen G. White, *Testimonies*, Vol. 1, pág. 69.
14. Apocalipse 19:9.
15. Isaías 35:10.
16. Apocalipse 21:4.
17. Apocalipse 19:1-7.
18. S. Mateus 22:14.
19. S. Lucas 19:10.
20. II Coríntios 8:9.
21. Filipenses 2:7.
22. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 33.
23. *Idem*, pág. 34.
24. Filipenses 2:8.
25. I Timóteo 3:16; Romanos 11:33.
26. Ellen G. White, *op. cit.*, pág. 92.
27. Apocalipse 1:5.
28. Apocalipse 7:14.
29. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, pág. 315.
30. *Idem*, pág. 311.
31. S. Lucas 22:15 e 16.
32. S. Mateus 26:29.
33. S. Judas 24.
34. Apocalipse 7:17.
35. Apocalipse 22:4.
36. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, pág. 316.
37. Hebreus 2:1.
38. Apocalipse 3:20.
39. *The SDA Bible Commentary*, Vol. 7, pág. 875.
40. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, pág. 317.

O Pastor e Ministro Junto ao Leito de Pessoas Enfêrmas

JOSÉ ANGEL FUENTES MATAMALA

Diretor-gerente do Colégio Linda Vista, México

NESTA época de progresso e grande avanço da ciência, até parece inconcebível que recentemente o médico e o ministro estejam entrando em contato profissional. Sòmente nas instituições em que a medicina e a assistência social atingiram o máximo desenvolvimento, dentro do possível, podemos ver os médicos trabalhando em parceria com os ministros. É até doloroso pensar que um trate o corpo, e o outro o espírito, a alma, sem descobrir que o homem é um "ente" composto destes elementos e que qualquer tratamento que exclua um deles não está em harmonia com êste princípio.

Quantas pessoas que receberam tratamento para enfermidades físicas morreram talvez sem qualquer reação favorável, quando a visita oportuna de um ministro bem capacitado poderia haver descoberto um problema espiritual (complexo de culpa, problemas conjugais produzidos por diferenças religiosas etc.) ou algum outro de caráter social que poderia ser apresentado ao Departamento de Serviço Social da igreja (Sociedade de Dorcas) ou da cidade. Não obstante, enquanto o homem se ensoberbece por haver conquistado o espaço, ainda tem pouco conhecimento da maior de tôdas as conquistas: conhecer-se a si mesmo e resolver os complexos e delicados problemas que surgem como resultado da degeneração experimentada pelo corpo depois de quase seis mil anos de pecado e da incerteza em que vive nosso espírito num mundo desorientado.

Enquanto visitava os enfermos nos diversos hospitais de Manhattan, Long Island e Brooklyn, durante o tempo em que trabalhei como pastor em Nova Iorque, muitas vêzes me encontrava junto ao leito de algum enfêrmo quando o médico vinha fazer-lhe uma visita diária. Sua atenção, como era de esperar, dirigia-se imediatamente para o paciente, e êle só olhava em minha direção para saudar-me; era raro os médicos me reconhecerem ou me tratarem como profissional. É verdade que em algumas organizações religiosas não se usa uma toga ou vestimenta especial que identifique o ministro, o que explica em parte êsse estado de coisas, em-

bora todos saibamos que "o hábito não faz o monge."

Mais tarde, quando acompanhava os psiquiatras do Centro Islip State Hospital, em Long Island, como visitador social psiquiátrico, descobri com surpresa que nesse grande hospital, que ocupa o segundo lugar no mundo, com um corpo de médicos e especialistas de renome internacional, esta situação não variava muito. Quando algum paciente ingressava no departamento que me fôra designado, competia-me fazer-lhe a primeira visita na sala de recepção, onde eu obtinha (quando o paciente era comunicativo) tôda a informação necessária para fazer sua narrativa social. Depois então um psicólogo realizava os testes necessários para facilitar o diagnóstico do psiquiatra designado para o paciente. O ministro visitava o enfêrmo e fazia planos para ir à igreja com êle, mas o médico não tomava conhecimento de tôda a sua conversação e ajuda espiritual.

Freqüentemente era recebida a visita de algum especialista contratado pelo Departamento de Saúde Pública do Estado de Nova Iorque para visitar os estabelecimentos de doenças mentais e contribuir com seu conhecimento para o tratamento de casos especiais. Quando isto sucedia, o paciente era levado para a sala de espera do salão de conferências do departamento, enquanto se reuniam todos os profissionais que tinham que ver com o bem-estar dos pacientes. O primeiro a falar era o Visitador Social Psiquiátrico, que apresentava minucioso relato da história social e dos recursos do paciente; em seguida, o psicólogo expunha em sua linguagem profissional todos os resultados de suas investigações, e finalmente era ouvido o relatório médico do psiquiatra indicado para o paciente. Terminados êsses "relatos," o paciente era levado para a sala e o especialista visitante lhe fazia um minucioso interrogatório para estabelecer seu próprio diagnóstico do caso.

Enquanto via todos êsses profissionais unir os seus esforços para ajudar a êsse paciente, eu olhava em tôdas as direções, procurando o pastor ou líder espiritual dessa alma que estava sendo

considerada sob o aspecto físico e mental, sem que se fizesse provisão para suas necessidades espirituais. Não me recorde de ter visto um só ministro nessas importantes sessões.

Estava esquecendo de mencionar que sempre havia um grupo de ministros estudando nesse hospital o curso de especialização para capelães. Sim, há ministros para atender a pacientes católicos, protestantes e judeus, mas, como podemos notar, sua participação é de caráter marginal, e não tomam parte nessas conferências em que se decide o futuro desses pacientes. Quanto nos resta percorrer ainda! . . .

Suponho que embora o médico e o ministro se encontrem nos hospitais, eles não se encontraram ainda no campo profissional onde cada vez se torna mais necessário o trabalho em conjunto. Logo que um paciente ingressa no hospital, o médico o examina cientificamente, e o outro — o filósofo e o teólogo — sob um aspecto diferente. Em outras palavras, enquanto um procura curar seus males físicos, o outro se preocupa com os problemas do espírito, olvidando que o homem integral é a soma desses dois fatores. Quantas vezes, como ministro, procurei estabelecer mais estreita comunhão com o médico do paciente que visitávamos, mas nunca logrei um resultado completo, pois nós dois contemplávamos o paciente sob um ângulo diferente. Além disso, eles nem sempre consideram o ministro como profissional e alguns aceitam suas visitas com receio.

Isso tem duas explicações. Primeira: só nas duas últimas décadas o ministro e o médico começaram a entender-se e a trabalhar como uma só equipe, e apenas nos grandes hospitais em que tanto ministros como os médicos receberam em seu preparo a influência das novas tendências. Segunda: o desafortunado fato de que algumas religiões outorgam credencial de ministro a qualquer membro sincero e cristão, mas sem preparação adequada; e por isso ele às vezes se põe em lugar do médico, diagnosticando, ordenando e assumindo uma posição que não lhe corresponde — o que origina má disposição dos facultativos para com os ministros.

Em minha relação com os médicos, tive uma experiência que modificou totalmente a atitude de um deles para comigo. Sempre que visitava um de meus clientes no hospital, eu deixava meu cartão de visita na enfermaria daquele pavilhão, para que o juntasse ao relatório médico do paciente, com uma nota que dizia: "Em caso de emergência, favor chamar-me imediatamente." Durante longo tempo só fui chamado duas vezes. Numa dessas vezes, um médico rogava que eu obtivesse a autorização para ele operar a um paciente que apesar de se achar

em estado grave, o padre não queria deixar operar.

Em menos de uma hora cheguei ao hospital com a autorização, e após conversar um pouco com o médico tive a impressão de que nos entendíamos melhor. Quatro dias depois, mais ou menos às duas horas da madrugada, fui despertado pelo som do telefone. Acendi a luz e levei o auscultador ao ouvido. Antes que pudesse dizer alguma coisa, uma voz preocupada me perguntou do outro lado da linha: "É o Rev. Fuentes?" Após minha confirmação, ele se identificou como o médico de que falamos acima. O hospital lhe comunicara a morte do paciente que mencionamos, como conseqüência de complicações pós-operatórias, e estava recorrendo novamente a mim, para que o comunicasse ao padre cuja reação emotiva ele temia.

A partir dessa data, esse doutor, que era médico de cabeceira de vários membros de minha igreja, me consultava em cada caso. Sempre me manteve informado dos pormenores durante o tempo em que os membros de minha igreja permaneciam no hospital. Isto, como era de esperar, contribuía para o bem-estar dos pacientes. Certa ocasião, conhecendo a verdade sobre o mal que a afligia, pude falar ao coração de uma irmã que morria de câncer. O médico recomendou certa vez que uma irmã comparcesse com o espôso. ao escritório do pastor, e "falasse seriamente com ele," visto que todos os seus males eram o resultado de sérias inseguranças causadas por desavenças conjugais. Nossa amizade adquiriu maior solidez com a atitude franca e profissional que ele manifestou ao descobrir que eu nunca assumia prerrogativas que não me correspondiam e que tôdas as minhas decisões e participações levavam a aprovação do facultativo.

Devemos aplicar o princípio da ética profissional, a regra de ouro. Assim como o ministro não gostaria que o médico interrompesse seus serviços religiosos e desse ordens em sua igreja, assim o médico não aprecia que o ministro assumisse no hospital um papel superior ao que lhe corresponde. Convém lembrar que o paciente vai ao hospital porque julga necessitar de ajuda médica. Se ele soubesse que sua maior necessidade era de ordem espiritual, por certo iria em busca da igreja.

Isto nos mostra que para desfrutar ampla e sólida relação com o médico, o pastor deve saber seu lugar, conhecer suas limitações e não cair no perigoso terreno de excessivo dogmatismo em que geralmente arrefecem as relações profissionais do médico e do ministro, pois este último quer resolver com oração o que para o facultativo tem uma explicação e um remédio. Lembremos que a oração tem seu lugar na re-

lação com o enfêrmo, mas não é um chapéu de prestidigitador em que coloquemos o enfêrmo e tiremos um indivíduo cheio de saúde. Por isso o ministro tem a obrigação de saber algo de medicina, para que possa compreender o médico; e o mesmo deveria suceder com o médico, no tocante a nossa profissão. Infelizmente, não atingimos ainda êsse ideal, principalmente na América Latina.

Quando um ministro visita a um paciente, deve saber — na medida do possível — o que êste tem, conhecer as generalidades acêrca dessa enfermidade e adaptar suas palavras às necessidades do paciente. Quantas vêzes a conversação inadequada de um pastor deixou o paciente em estado de tensão, sendo preciso chamar o médico à meia-noite para prescrever um calmante ou tranqüilizador. Noutras ocasiões, todos conversam animadamente, inclusive o próprio ministro, enquanto o paciente, visivelmente alterado e esgotado, dorme e desperta de forma sucessiva, ouvindo longas conversações pelas quais fica inteirado da grave situação mundial ou dos problemas que afligem a pessoas que conhece.

Lembre-mos de que um enfêrmo, em especial durante o período crítico de sua enfermidade, tem suficientes preocupações com seus próprios problemas e não está em condições de suportar outras mais, que às vêzes até são difíceis de agüentar quando se tem boa saúde. Além disso, quando um paciente está muito preocupado, tem a tendência de imaginar desenlaces que em geral não se aplicam a sua enfermidade.

Com o objetivo de livrar os ministros de momentos desagradáveis, desejamos fazer uma lista dos pontos que consideramos de capital importância para assegurar o êxito de uma visita pastoral a enfermos que se acham no hospital. Ponde-os em prática, e vereis quão valiosa será sua contribuição para a recuperação dos pacientes. Não queremos, porém, que isto seja considerado um estudo exaustivo da matéria.

1.º) Logo que vos seja comunicada a admissão de algum membro no hospital, colocai-vos às ordens do médico. Contai ao médico quem sois e a vossa estreita relação com a família. Se o caso fôr muito grave, pedi-lhe que vos dê informações antes de qualquer desenlace. Assim podereis assegurar um controle efetivo diante da comoção que ocorrerá. Lembrai-vos de que ocupareis (ou deveis ocupar) um lugar sobressalente durante êsses dias de dor.

2.º) Ao visitar os pacientes, dizei apenas aquilo que lhes sirva de alento, e não discutais com êles a respeito de suas enfermidades, a menos que desejem contar-vos "o que o médico disse." Recordai-vos de que tendes o dever de inteirar-vos das enfermidades de que sofrem os

pacientes, e de seus pormenores, antes de ir visitá-los.

3.º) Falai num tom de voz apropriado, não muito alto nem tão baixo que os pacientes tenham de fazer grande esforço para ouvir-vos. Cumpre ter em mente que os pacientes sob os efeitos de um sedativo não necessitam nem entendem muitas palavras. Um caso típico é o do paciente que foi preparado para ser levado à mesa de operações, e cujo funcionamento está reduzido pelo efeito de drogas. É muito confortante que o pastor o veja antes de ser levado para a mesa de operações. (Se o tempo e as circunstâncias o permitirem, o pastor deve orar com êle.)

"Estarei aqui orando pelo senhor," são as palavras mais doces e confortantes que um enfêrmo pode ouvir dos lábios do pastor, antes de ser levado para a sala de operações. Se ao despertar vê novamente o rosto sorridente e afetuoso de seu pastor, isto o confirmará na fé e fará com que confie no Senhor como nunca dantes.

Essa atitude que tomei para com todos os que eram operados me ajudou a conquistar a confiança e a cooperação da igreja. O fato é que enquanto o paciente está sendo operado, depende da habilidade profissional do corpo médico e do anestesista; e para êle, saber que antes de ser submetido à operação Deus será convidado a estar presente por meio das orações do pastor, e certificar-se de que isso é uma feliz realidade, ao recuperar os sentidos, é uma sensação tão especial que não pode ser descrita ou entendida por aquêles que não a experimentaram ainda. Além disso, o pastor estará confortando os familiares que se encontram com êle na sala de espera. Êsse precioso tempo que se "gasta" ali poupa ao ministro meses de trabalho, pois uma família unida com o pastor num momento psicológico como êsse, dificilmente o olvidará, tornando-se os melhores colaboradores do pastor durante o ano todo.

4.º) Sêde breves. Quando se escolheu cuidadosamente o que se vai dizer na visita, pode-se terminá-la em pouco tempo, deixando no paciente a inspiração que a motivou. É isso que se chama de visita profissional, terapêutica. A prolongação da visita além do tempo indispensável destruirá êsse efeito.

Mencionamos os pontos dois, três e quatro, pensando no labor deveras pessoal realizado pelo ministro. Quando algum membro de sua igreja consulta o médico para que o cure de dores musculares ou de um resfriado, a conversação não será de grande valor, a menos que contribua para produzir um diagnóstico fiel. Não

(Continua na pág. 18)



Como Atrair e Prender a Atenção

H. B. LUNDQUIST

Professor Aposentado, no Tenessi, EE. UU.

É OBRA da persuasão modificar a mente dos homens e fazê-los pensar como nós. Diz-se que o vendedor é aquele que consegue fazer com que as pessoas comprem o que não querem, e muitas vezes até o que não precisam. Para persuadir, o orador com freqüência se vê obrigado a fazer uso de tôdas as cinco finalidades gerais do discurso: clareza, crença, convicção, ação e mesmo entretenimento.

A Bíblia nos dá uma indicação definida sobre como persuadir, nesta pequena declaração: "... dêle [do coração] procedem as fontes da vida." Ou, parafraseando, a menos que nos apoderemos das emoções e apelemos para elas, não seremos bem sucedidos. Acrescentemos a isso a parte desempenhada pela vontade, e por certo não deixaremos de ver a importância de estudar as leis da persuasão. Se desejamos que alguém faça alguma coisa que ainda não está fazendo, temos de atrair a vontade para o que julgamos ser correto.

Atenção ou Caos

Neste artigo limitar-nos-emos ao primeiro passo: a atenção. Guilherme James diz o seguinte no tocante à importância de atrair a atenção: "Só

as coisas que noto moldam-se o espírito. Em outras palavras, a ausência de atenção significa caos." A atenção tem sido definida como a atividade seletiva da consciência. E psicólogos eminentes declaram que se a atenção puder ser mantida numa só coisa, com exclusão de tôdas as outras, a ação ocorrerá nesse sentido.

Permiti-me ilustrar essa atividade seletiva da vontade. Quando alguém visita um restaurante, podem ocorrer três coisas com êle: Retirar-se com fome devido à inércia causada por falta de escolha; retirar-se com o estômago empanturrado de más combinações de alimentos, ou de alimentos impróprios; retirar-se satisfeito. Mesmo numa questão tão trivial como tomar uma refeição, é muitíssimo importante empregar a ação seletiva da vontade.

Aplicando êste mesmo princípio na vida social, pode-se atravessar a existência de maneira solitária e descontente ou com amigos que apenas produzam infelicidade. Por outro lado, pode-se atravessar a vida tendo bons companheiros. E, no setor educacional, com certeza também é mister escolher de modo judicioso, pois do contrário a pessoa se tornará sarcástica, grosseira ou pedante.

Atenção Involuntária

Consideremos a atenção sob quatro aspectos. Em primeiro lugar, a atenção compulsória ou involuntária, como quando a consciência é despertada por forte ruído, por sofrimento atroz ou por grande surpresa. Nesse sentido e com referência à propaganda evangelística, talvez alguém anunciasse um assunto da seguinte forma: "A Vinda de um Ditador Mundial," ou "A China e o Armagedom." Qualquer pessoa verdadeira em física sabe por que essa espécie de atenção é indesejável, pois está inteirada de que para cada ação existe uma reação correspondente. Abraão Lincoln enunciou certa vez outra razão plausível contra isso. Disse êle: "Não assevereis o que não é necessário, para que não tenhais de provar o que não podeis." Semelhante propaganda pode atrair a atenção, mas se não se conseguir mantê-la ou se a apresentação não estiver à altura da propaganda, poderá haver uma reviravolta. Isso é inconveniente, pois chama a atenção para o homem e o método, ao invés de para a mensagem.

Atenção Voluntária

A seguir, consideremos a atenção voluntária. Amiúde ela é obtida por solicitação. Não digais: "Se o povo prestar atenção, pregarei." Dizei preferivelmente: "Se eu pregar bem, o povo prestará atenção." Convém fazer uma advertência no tocante a essa espécie de atenção: Só é possível manter a atenção voluntária durante alguns segundos de cada vez. O que se chama de ininterrupta atenção voluntária é uma repetição de esforços sucessivos que trazem o assunto de volta à memória dos ouvintes.

Atenção Intelectual

A terceira espécie de atenção é a passiva atenção intelectual. Conta-se que o famoso matemático Arquimedes estava tão absorto nas investigações referentes a sua especialidade, que só percebeu que sua pátria fôra invadida pelos romanos pouco antes de ser morto pelas hostes invasoras. No meu tempo de estudante, ocorreu um incidente curioso que ilustra essa espécie de atenção. Soou o alarme contra incêndio, as salas de aulas, a capela e os dormitórios logo foram desocupados, e o fogo foi dominado. Após o reinício das atividades normais do colégio, foi encontrado um estudante sentado na capela, completamente alheio a tudo que havia acontecido. Estivera estudando! Via de regra, os que manifestam essa espécie de atenção pertencem a uma ou outra dessas duas classes de pessoas: gênios ou casos patológicos.

Atenção Espontânea

Chegamos agora ao quarto tipo, ou seja, à atenção espontânea. Quando o orador conse-

guiu essa espécie de atenção, êle pode começar a "lascar o verbo." A atenção espontânea tem sido definida como a concentração da consciência nalguma coisa que domina momentaneamente o espírito. O psicólogo Gardner nos diz como conseguir essa atenção altamente desejável: "Estimulai tão eficazmente alguma inclinação não oposta à mensagem, que ela inunde a consciência com as sensações correspondentes e faça submergir as inclinações contrárias." Em outras palavras, parti do conhecido e amado para o que não é conhecido e amado.

Apresentarei três regras para conseguir isso. Primeira: dizei algo duma vez. Não desperdiceis tempo com banalidades ou insignificâncias. Ide direto ao assunto. Segunda: Falai durante três a cinco minutos em linguagem concreta e não abstrata. Evitai a lógica ou a filosofia. Eliminaí os arroubos de oratória ou panegíricos. Terceira: despertai a curiosidade de vosso auditório ou o espírito de investigação. Isto pode ser feito por meio de uma série de perguntas ou asserções que ativem o pensamento.

Suscitar Expectativa e Desejo

Por mais importante que seja atrair a atenção, isso terá pouco valor se não se conseguir mantê-la. A primeira regra para manter a atenção é a seguinte: suscitar expectativa e desejo. A humanidade anela algo que satisfaça. Devemos chamar a atenção do auditório para o montão de ouro no fim do arco-íris, com essa pequena diferença: para um montão real e não ilusório! A apresentação do orador cativa cada vez mais o ouvinte. A situação perspectiva desperta a mente para atividade positiva, e o interesse excede o controle do ouvinte. Êle está nas mãos do orador.

Variação

A segunda regra é simplesmente a variação. Ela tem sido chamada de condimento da vida, e de alma do negócio. Seu emprêgo baseia-se porém numa sólida lei psicológica, a saber, a tendência da mente de saltar duma coisa para outra. Se tentarmos restringi-la a uma só coisa, ela termina em extinção letárgica. Variaí a maneira da apresentação; introduzi com frequência breves ilustrações; fazei perguntas ao auditório.

A terceira regra é o movimento. O discurso precisa ter movimento. Os diversos aspectos do assunto devem ser apresentados com uma rapidez correspondente à ligeireza mental dos ouvintes. E o movimento do discurso também deve ser acompanhado de movimento físico. Quanto mais nôvo o orador e difícil o assunto, tanto mais êle deveria evitar postar-se como uma estátua de pedra. Usai o púlpito como pista de pouso. Levantai vô e voltaí para reabastecer-

(Continua na pág. 23)

A América do Sul, a Mensagem Adventista e o Método – 3.^a Parte



ENOCH DE OLIVEIRA

Secretário do Depto. Ministerial da Divisão
Sul-Americana

Relações Entre a Igreja e o Estado

COM freqüência a expressão “América Latina” é aplicada às repúblicas do Nôvo Mundo cuja língua e cultura procederam dos povos latinos de Portugal, Espanha e França. Essa terminologia, entretanto, não é inteiramente satisfatória. Não podemos estudar essas repúblicas como uma unidade. É verdade que os países ibero-americanos tiveram quase que a mesma história colonial e um movimento comum de independência. Não obstante, cada país tem sua vida peculiar e distinta.

Neste artigo, ao invés de generalizações a respeito da América Latina, consideraremos o problema da liberdade religiosa de cada nação, em separado.

Brasil

Ocupando aproximadamente metade da superfície do continente (8.511.965 km²) e possuindo mais ou menos 85 milhões de habitantes, o Brasil é a maior e mais populosa de tôdas as repúblicas da América do Sul, e distingue-se também das demais por suas peculiaridades lingüísticas e raciais.

Os primeiros colonos só chegaram à nova terra três décadas depois de ter sido descoberta em 1500 por Cabral, um navegante português. Nos séculos dezesseis e dezessete vieram ao Brasil colonizadores portugueses, organizando diversas províncias, sob um forte govêrno central.

Enquanto os espanhóis criavam muitos Estados autônomos, que são agora os países modernos de língua castelhana, as diversas províncias (capitanias) portuguesas se tornaram uma grande nação.

Durante três séculos o Brasil foi a maior colônia pertencente a Portugal. Entretanto, foram surgindo sentimentos nacionalistas e ideais brasileiros que culminaram na declaração de inde-

pendência em 1822. Em contraste com os outros países latino-americanos que se tornaram repúblicas, quando o Brasil obteve sua liberdade êle tornou-se um império. Sob êsse regime político o Brasil desfrutou anos de unidade política, reformas sociais, forte economia agrícola e tolerância religiosa.

No entanto, o positivismo foi acolhido com prazer e se desenvolveu rapidamente, em grande parte como resultado do crescente espírito de liberdade.²³ Dirigentes do exército e da marinha estavam imbuídos das idéias de Comte. Um ardoroso positivista, Benjamim Constante, agraciado com o título de “Fundador da República,” e seus amigos, acabaram com o império em 1889 e proclamaram a República do Brasil, com uma constituição quase idêntica à dos Estados Unidos.²⁴

Rui Barbosa, o brilhante jurisconsulto que se tornou Ministro da Justiça, sob a influência de idéias positivistas “redigiu o decreto separando a Igreja do Estado, que foi promulgado em 7 de janeiro de 1890, apenas pouco mais de sete semanas após a derrocada do império.”²⁵ Como resultado desse decreto, os cemitérios foram secularizados, foi instituído o casamento civil e a instrução católica foi eliminada do sistema de educação do govêrno.

Hoje, completa liberdade religiosa e de culto é garantida pela constituição e ninguém é destituído de qualquer pòsto na República devido a suas crenças religiosas. Com efeito, êste tem sido o clássico exemplo na América do Sul da vantagem de manter uma igreja livre num Estado livre.

As Repúblicas do Rio da Prata

O estuário do rio da Prata provê acesso ao Atlântico para três países sul-americanos: Argentina, Uruguai e Paraguai. Estas três nações estão estreitamente ligadas entre si por sua situa-

ção geográfica e por seu passado histórico. Contudo, manifestam atualmente três conceitos diferentes e peculiares de democracia e religião.

Argentina

A República Argentina, por sua posição geográfica, pela vasta extensão de seu território, por estar situada na zona temperada, pela variedade e abundância de seus produtos naturais, parece destinada a tornar-se uma das principais nações do hemisfério sul.

No decorrer de sua história, a Argentina tem dado indicações da posição de liderança que está fadada a ocupar entre as populações espanholas do Novo Mundo. Havendo sido a primeira das colônias espanholas na América do Sul a reivindicar sua independência, a Argentina tornou-se dirigente e libertadora de povos vizinhos. Sob a liderança do General José de San Martín, os argentinos transpuseram os cumes dos Andes e deram independência política ao Chile. Mais tarde organizaram um exército de libertação e estenderam seus triunfos sobre o domínio espanhol até as remotas regiões dos Andes Superiores, e libertaram a República do Peru.

A Argentina é uma república federal com uma constituição adotada em 1853, a qual foi modelada estritamente de acordo com a dos Estados Unidos da América. Este fato foi reconhecido oficialmente pelo Supremo Tribunal Federal, ao declarar: "O sistema de governo pelo qual somos regidos não é criação nossa. Nós o vimos em funcionamento, comprovado por longos anos de experiência, e nos apoderamos dele." ²⁶ Alberto Padilla, erudito argentino, apontou semelhanças em sessenta dos cento e dez artigos. ²⁷

Contudo, há nesse documento político certos vestígios de influência espanhola. Entre eles pode-se mencionar em primeiro lugar que o catolicismo romano é declarado ser a religião oficial apoiada pelo Estado. Ordena-se que o presidente e o vice-presidente sejam membros "da comunhão católica apostólica romana," e o Estado se reserva o direito de nomear os bispos para cada diocese, dentre uma lista de três candidatos apresentados pelo senado.

No parágrafo que segue, M. Searle Bates sintetiza essa relação entre o Estado e a Igreja:

A Argentina subsidia a Igreja Católica Romana e exige que seu presidente pertença a essa religião, pois ele nomeia os bispos. Existe assim o fundamento de uma igreja oficial, embora não de nome, ou como sistema completo. O culto e o ensino da religião estão livres de regulamentação desfavorável. Em determinadas províncias há instrução religiosa por professores católicos nas escolas públicas elementares, mas as crianças procedentes de lares com outras crenças podem com facilidade conseguir isenção dessas aulas. Assim, a Igreja Católica goza de privilégio e apoio, mas não de domínio exclusivo e opressor. ²⁸

A despeito dessas estipulações da constituição, ela assegura a liberdade de culto para to-

dos, e o próprio congresso tem outorgado subvenções a escolas protestantes.

Uruguai

A República do Uruguai é o menor de todos os países da América do Sul, com uma superfície de 186.926 quilômetros quadrados, e está situada entre seus dois poderosos vizinhos: o Brasil e a Argentina. Tem sido comparado a um jardim entre dois grandes Estados.

Em 1828 foi estabelecida a sua independência, e o Uruguai passou a pertencer à família das nações sul-americanas. Dessa época em diante, durante muitos anos, e mesmo até o início de nosso século, revoluções sangrentas diversas vêzes atrasaram o progresso do país.

As diferenças políticas de facções rivais conduziram à formação de dois partidos políticos: os "Colorados" e os "Blancos," e mesmo na época atual esses dois partidos históricos dominam a vida da nação. Os "Blancos" conservadores eram em geral o partido da Igreja, e os "Colorados," seus radicais oponentes.

Durante quase cem anos os "Blancos" defenderam a primazia da religião católica. Foram, porém, derrotados e a Igreja foi desoficializada. Barclay declara:

"De forma invariável, a Igreja foi perdendo terreno. Em 1838 foram suprimidos os conventos franciscanos, e confiscadas suas propriedades, para utilização pública. Em 1859 os jesuítas pela segunda vez foram expulsos do país. Em 1885 o casamento civil se tornou compulsório e a única forma legal. Finalmente, em 1919, quando foi adotada a constituição atual, a Igreja Católica foi completamente desoficializada no seguinte artigo: 'Todos os cultos religiosos são livres no Uruguai. O governo não reconhece qualquer religião...' Ao mesmo tempo, o governo abandonou toda reivindicação concernente ao controle do padroado eclesiástico. Após a desoficialização, a Igreja não tem sido influente ou ativa como fator político." ²⁹

Hoje, a maioria dos homens que ocupam posições de grande influência política são declaradamente ateístas ou, quando muito, agnósticos, e faz-se toda tentativa para excluir o nome de Deus e qualquer referência ao cristianismo em documentos oficiais e mesmo em jornais diários controlados pelos "Colorados." O Dr. João A. Mackay, atento observador de questões latino-americanas, afirma:

"No Uruguai... foi mantida a liberdade religiosa, mas o calendário tradicional foi revolucionado, sendo o Natal transformado em 'dia da família,' e a Semana da Páscoa em 'semana de turismo.' O nome de Deus era impresso com 'd' minúsculo. E quando era necessário fazer alusão ao papa, mencionava-se apenas seu sobrenome e ele era chamado simplesmente de 'cavalheiro que vive em Roma'." ³⁰

Por muitos anos a igreja oficial no Uruguai semeou ódio e intolerância, e agora está colhendo frutos amargos. Infelizmente, essa reação é manifestada hoje em dia não só contra o domínio católico mas também contra a própria crença religiosa.

Paraguai

A República do Paraguai, que muitas vêzes é denominada a "Mesopotâmia da América do

Sul," está situada bem no interior, quase inteiramente cercada pelos grandes rios que vertem suas águas no rio da Prata.

Sua capital, Assunção, foi o primeiro núcleo colonial permanente dos espanhóis na parte oriental da América do Sul, e durante muitos anos continuou sendo um centro de influência espanhola, embora situada a mais de mil e quinhentos quilômetros do oceano.

O período colonial foi seguido pela vida nacional independente. Mas o país era uma república apenas no nome, e após um período de anarquia, o famoso Dr. Francia conseguiu estabelecer uma ditadura que durou quase trinta anos. Por ocasião de sua morte, sua autoridade foi transmitida para a família Lopez. A relativamente branda e benéfica autoridade do Lopez mais antigo tornou-se nas mãos de seu filho e sucessor, a mais odiosa das tiranias. Esse homem precipitou o seu país numa guerra contra o Brasil, a Argentina e o Uruguai, e por cinco anos sustentou sua autoridade e manteve sua posição contra os aliados, recorrendo aos expedientes mais cruéis. De acordo com Roberto E. Speer, quando a guerra terminou "o recenseamento oficial mostrava haver 231.079 habitantes em todo o país, dos quais apenas 28.746 eram homens." 31

Pereceram cerca de sete oitavos da população e o país ficou em extrema miséria.

Assim, durante muitos anos o Paraguai "estêve sob o domínio de ditadores que oprimiram impiedosamente a Igreja e a subordinaram a sua tirania política." 32

Foi apenas em 1870 que o povo do Paraguai ficou livre para moldar seu próprio destino. Nesse ano eles adotaram uma constituição que se mostrou incompatível com as necessidades de um país moderno. Essa lei fundamental declarava no Artigo IV que "a religião católica apostólica romana" era a religião oficial. 33

A Constituição de 1870 continuou a vigorar até 1940, quando foi adotada uma nova lei, a mais curta da América Latina. 34 Em suas 7.600 palavras há dispositivos constitucionais para liberdade religiosa. Barclay, referindo-se a esse documento político, declara:

"Embora o catolicismo romano ainda seja considerado a religião oficial, ao Congresso é negado expressamente o poder de proibir o livre exercício de qualquer outra religião, e a todas as pessoas, tanto a cidadãos como a estrangeiros, é assegurado o direito de professar livremente a religião em que creêm. As escolas particulares têm liberdade para ensinar religião como assunto especial." 35

Até alguns anos atrás o Paraguai oferecia um triste espetáculo de intolerância que abrangia muitos exemplos de violação dos direitos de consciência.

Referências

23. W. Stanley Rycroft, *Religion and Faith in Latin America* (Filadélfia: The Westminster Press, 1958), pág. 59.

24. James e Martin, *op. cit.*, pág. 139.

25. Austin F. Macdonald, *op. cit.*, pág. 126.

26. Macdonald, *op. cit.*, pág. 20.

27. *Idem*, pág. 22.

28. M. Searle Bates, *Religious Liberty* (Nova Iorque: International Missionary Council, 1945), pág. 78.

29. Barclay, *op. cit.*, pág. 71.

30. João A. Mackay, "América Latina e Revolução," *The Christian Century*, Vol. 82 (1965), pág. 1.439.

31. Roberto E. Speer, *op. cit.*, pág. 50.

32. Barclay, *op. cit.*, pág. 12.

33. *Ibidem*.

34. Macdonald, *op. cit.*, pág. 502.

35. Barclay, *op. cit.*, pág. 102.

O Pastor e Ministro...

(Continuação da pág. 13)

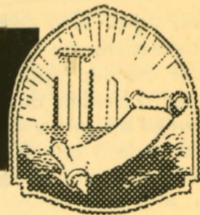
sucede o mesmo com o ministro, o qual baseia toda a sua efetividade na profundidade e no conteúdo de sua conversação; noutras palavras, no efeito que suas expressões causam no paciente. Por isso é importante saber o que se vai dizer. Se consegue modificar a visão limitada do paciente, ou estimular seu entusiasmo e espírito de cooperação com o médico até superar o estado depressivo em que geralmente caem os que são acometidos de certas enfermidades, o pastor está alcançando o seu objetivo e cumprindo uma responsabilidade muitas vezes ignorada ou desprezada.

5.º) O quinto ponto é ouvir. Muitas vezes, o que o enfermo deseja é "desabafar-se," partilhar seus problemas com alguém; mas o pastor está tão entusiasmado, contando os planos levados a efeito na igreja durante a ausência do enfermo, que este não se atreve a interromper-lhe o relato. Recordemos que uma das terapias mais eficazes consiste em ouvir, dando oportunidade à pessoa de extrair do íntimo o problema que não soube analisar e cuja presença na mente desencadeou essa série de sintomas, ou foi o fator que motivou o seu desenvolvimento.

Certa ocasião, compareceu a meu escritório uma senhora que visitava nossa igreja. O seu semblante denotava que ela passara a noite em claro e se achava em estado de grande tensão. Disse-me: "Pastor, estou desesperada. Vim buscar sua ajuda antes que eu acabe ficando louca."

Depois de acalmá-la um pouco, pedi-lhe que me contasse o seu "problema." Por meia hora ouvi-a relatar de maneira vívida um incidente muito familiar e comum nas grandes cidades onde o nível de tolerância é muito reduzido, em consequência da pressão com que se vive e da tensão resultante da rapidez com que se atua ou procede socialmente.

(Continua na pág. 24)



A Distinção Entre

Animais Limpos e Imundos

Segunda Parte

ROBERTO L. ODOM

Do Departamento de Pesquisa da Associação Geral

Por Que Maior Número de Animais Limpos?

UM evidente motivo para colocar dentro da arca maior número de aves e animais limpos, do que de imundos, além da necessidade de preservar algumas dessas criaturas para reprodução e preservação de cada espécie, era que Noé e sua família precisavam de alguns deles como sacrifício ao Senhor (Gên. 8:20) e outros como alimento (Gên. 9:3 e 4). Animais imundos não eram usados como sacrifícios ou alimentos, nem antes nem depois do dilúvio.

Disse o Senhor a respeito do primeiro homem a ser chamado de "hebreu" na Bíblia (Gên. 14:13): "Abraão obedeceu à Minha palavra, e guardou os Meus mandados, os Meus preceitos, os Meus estatutos e as Minhas leis." Gên. 26:5. Em vista do que é declarado acerca dos animais que êle sacrificou a Deus e dos que êle usou como alimento, bem podemos crer que o conjunto de leis sagradas a que Abraão obedeceu tão fielmente abrangia o preceito que fazia distinção entre animais limpos e imundos. Seja como fôr, as provas apresentadas neste artigo mostram que essa lei é mais antiga do que o povo judeu.

Um funcionário do governo dos Estados Unidos telefonou-me dizendo que estava almoçando com dois amigos num restaurante em Washington, D. C., e acrescentou: "Em nossa conversação, falamos a respeito dos adventistas do sétimo dia e ficamos com vontade de saber por que êles consideram a carne de porco e de alguns outros animais imprópria para a alimentação. Um de nós julgava saber a razão para isso, e deu sua explicação. O outro amigo apresentou uma explicação diferente. De modo que eu disse: 'Vou telefonar para êles agora mesmo a fim de

deslindar a questão.' Quer por favor dar-me sua explicação?"

Noutra ocasião, um coronel que ocupa importante posição de comando nas forças armadas dos Estados Unidos telefonou dizendo mais ou menos o seguinte: "Desejo que me indiqueis o título de um livro que explique por que os adventistas do sétimo dia crêem que certos animais são próprios para a alimentação, e outros não. Tenho conversado com diversas pessoas de vossa fé, interrogando-as a êsse respeito, mas nenhuma delas pôde dar-me uma explicação clara. Onde posso encontrar um livro que explique claramente a vossa fé e prática quanto a êsse assunto?"

Proteção, Cerimônia, Arbitrariedade

Alguns comentaristas bíblicos ensinam que a lei que fazia distinção entre animais limpos e imundos, no que dizia respeito à alimentação, era um regulamento imposto arbitrariamente por Deus para disciplinar escravos libertados recentemente, que ainda eram pessoas rebeldes. Outros supõem que isso era apenas uma medida cerimonial destinada a ensinar ou ilustrar lições espirituais. Ainda outros afirmam que era um dispositivo legalista dado aos judeus como meio para desenvolverem santidade em resultado da obediência que lhe prestassem. Bem poucos mestres judeus no tempo atul concebem que isso visava proteger ou promover a saúde.

Salvaguarda da Saúde

Os adventistas do sétimo dia crêem que a distinção entre animais limpos e imundos, no tocante a usá-los como alimento, foi estabelecida pelo Senhor como salvaguarda para a saúde de

Seu povo. Não cremos que ela fôsse inventada originariamente para ser arbitrária ou cerimonial em sua aplicação. As Escrituras declaram que “o Senhor dá graça e glória: *nenhum bem sonega aos que andam retamente*” (Sal. 84:11). Em tudo o que Ele exige de nós, e em tudo o que nos proíbe fazer, nosso Pai celestial visa o nosso bem-estar. As seguintes declarações escritas por Ellen G. White expõem a opinião dos adventistas do sétimo dia a respeito do assunto:

“Suas proibições e ordens terminantes não se destinam simplesmente a ostentar Sua autoridade; antes, em tudo que Ele faz, tem em vista o bem-estar de Seus filhos. Ele não exige que estes abandonem coisa alguma que seria de seu máximo interesse conservar.” — *Patriarcas e Profetas*, 2.^a ed., pág. 641.

“A distinção entre alimentos limpos e imundos não era um estatuto meramente cerimonial e arbitrário, mas baseava-se em princípios sanitários. A observância desta distinção pode atribuir-se em grande parte a maravilhosa vitalidade que durante milhares de anos tem distinguido o povo judeu.” — *Idem*, pág. 599.

“Muitos dos artigos de alimentação livremente comidos pelos pagãos que os rodeavam, eram proibidos aos israelitas. Não era que fôsse feita nenhuma distinção arbitrária. As coisas proibidas eram nocivas. E o fato de serem declaradas imundas ensinava a lição de que as comidas prejudiciais são contaminadoras.” — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 280.

“Deus não proibiu que os hebreus comessem carne de porco meramente para mostrar Sua autoridade, mas porque ela não é um alimento apropriado para o homem.” — *Counsels on Health*, pág. 116.

“Nas instruções dadas por intermédio de Moisés, era proibido comer qualquer coisa imunda. O uso da carne de porco, e da carne de certos outros animais, era proibido, como sendo de molde a encher o sangue de impurezas e abreviar a vida.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 460.

“Deus proibiu que se comesse a carne de animais imundos, não para exercer uma autoridade arbitrária, mas para preservar a vida e a saúde de Seu povo. A fim de que retivessem suas faculdades mentais e físicas, era necessário que seu sangue se mantivesse puro pelo uso de alimento simples e saudável. Ele especificou, portanto, os animais menos condenáveis como alimento.” — “Os Pecados dos Fariseus,” em *Signs of the Times*, 21 de março de 1878, pág. 89.

Não Arbitrário mas Para Nosso Bem

Notai as razões apresentadas nos trechos acima para não se usar como alimento a carne de animais imundos:

1. “As coisas proibidas eram nocivas.”
 2. “As comidas prejudiciais são contaminadoras.”
 3. A carne de porco “não é um alimento apropriado para o homem.”
 4. A carne de animais imundos seria prejudicial para os que a ingerissem.
 5. As coisas imundas não eram os melhores alimentos.
 6. Eram “de molde a encher o sangue de impurezas e abreviar a vida.”
- Além disso, a proibição do Senhor no tocante ao uso da carne de animais imundos —
1. Não era uma distinção arbitrária.
 2. Não visava a “exercer uma autoridade arbitrária.”
 3. Não se destinava simplesmente a “ostentar” a autoridade de Deus.
 4. “Não era um estatuto meramente cerimonial e arbitrário.”
 5. “Baseava-se em princípios sanitários.”
 6. “Para preservar a vida e a saúde de Seu povo.”

O Significado da Visão de Pedro

Um ancião apostatado que se unira a um movimento separado disse-me certo dia, perante um grupo de pessoas, que as referências bíblicas a animais limpos e imundos eram meramente linguagem simbólica. Ele citou a visão de Pedro referente a um lençol cheio de animais imundos (Atos 10:9-15), e como uma voz do Céu lhe disse: “Ao que Deus purificou não considere comum.” Verso 15. Mais tarde Pedro explicou essa parte, dizendo: “Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo.” Verso 28. “Portanto — disse o ancião apostatado — quando a Bíblia fala de animais imundos, refere-se a pecadores, a pessoas cujo coração é impuro devido ao pecado.”

Comentando a visão de Pedro, declara o Espírito de Profecia: “Alguns têm asseverado que esta visão foi dada para indicar que Deus removera Sua proibição no tocante ao uso da carne de animais que Ele antigamente declarara imundos; e que, portanto, a carne de porco era própria para a alimentação. Esta é uma interpretação muito estreita e completamente errônea, e é claramente refutada no relato escriturístico da visão e de suas conseqüências.” — *The Spirit of Prophecy*, Vol. 3, págs. 327 e 328. *The Story of Redemption*, pág. 285.

Pedi que aquêle homem volvesse a atenção para Gênesis 7:2, 3, 8 e 9, e explicasse por que o Senhor queria que Noé preservasse na arca, durante o dilúvio, dois pares de cada espécie de animal imundo, se com semelhante linguagem Ele se referia a homens e mulheres pecadores. Solicitei-lhe também que procurasse Gênesis 8:20 e explicasse, de acôrdo com a sua teoria, por que Noé, “tomando de animais limpos e

aves limpas, ofereceu holocaustos sôbre o altar," se tais animais em realidade eram pessoas cujos corações eram puros. Depois de gaguejar por alguns instantes, o homem confessou que não sabia explicar êsses textos.

Na visão simbólica dada a Pedro (Atos 10:9-15 e 28), os animais imundos purificados pelo Senhor representavam pecadores gentios cujos corações o Senhor purificara do pecado, mas que certos judeus cristãos e não cristãos consideravam comuns ou imundos (Atos 10:28; 11:1-18). Entretanto, o próprio apóstolo Pedro disse: "Jamais comi coisa alguma comum e imunda." Cap. 10:14. Ao dizer isso, êle era um ministro, que Cristo ordenara para apóstolo uns dois anos antes de Sua morte.

Em S. Mateus 23:24 Jesus fala de certos mestres religiosos que coavam um "mosquito" e enguliam um "camelo." O significado dessa declaração é muito bem apresentado neste comentário de Ellen G. White:

"Os judeus liam nos preceitos dados por Moisés que não se devia comer coisa alguma que

fôsse imunda. Deus especificara os animais que eram impróprios como alimento, e proibira o uso da carne de porco e de alguns outros animais, como sendo de molde a encher o sangue de impurezas e abreviar a vida. Mas os fariseus não deixaram essas restrições como Deus as ordenara. Foram a extremos injustificáveis. Entre outras coisas, tinha o povo que coar tôda a água de uso, não contivesse ela o mais pequenino inseto, o qual poderia ser classificado entre os animais imundos. Jesus, comparando essas fúteis exações de limpeza exterior com a magnitude de seus pecados reais, disse aos fariseus: 'Condutores cegos! que coais um mosquito e engulis um camelo.'" — *The Spirit of Prophecy*, Vol. 3, págs. 63 e 64. Ver também *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 460 e 461.

"Os dirigentes judeus que se deleitavam em ensinar e ministrar a lei, levaram as proibições de Deus a extremos desarrazoados, tornando a vida um fardo de cerimônias e restrições. . . ." — "Os Pecados dos Fariseus," em *Signs of the Times*, 21 de março de 1878, pág. 89.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Expição Sacrificial Provida; Expição Sacrificial Aplicada

Pergunta 30

Os adventistas do sétimo dia com freqüência são acusados de subestimar o sacrifício expiatório completado na cruz, transformando-o numa expiação inacabada ou parcial que precisa ser secundada pelo ministério sacerdotal de Cristo; talvez se possa chamar isso de expiação dupla. É verdadeira essa acusação? Não afirma a Sr.^a White que Cristo está agora fazendo expiação por nós no santuário celestial? Por favor, explicai a vossa posição e declarai em que diferis dos outros no tocante à expiação.

DE início, desejamos afirmar da maneira mais veemente e explícita que os adventistas do sétimo dia *não* crêem que Cristo fêz apenas um sacrifício expiatório parcial ou incompleto na cruz. A palavra "expiação" tem amplo significado nas Escrituras. Embora abranja fundamentalmente o sacrifício expiatório de nosso Senhor Jesus Cristo na cruz, inclui também outros

aspectos importantes da obra da graça salvadora.

A palavra "expiação" é semelhante a outras palavras usadas na Bíblia, como "salvação" e "redenção." A salvação abrange alguma coisa *no passado*, de modo que a pessoa poderá dizer: "Fui salvo." Refere-se também a uma experiência que está *em andamento*, de modo que se poderá afirmar: "Estou sendo salvo" (ver Atos 2:47

na Edição Revista e Atualizada no Brasil). Refere-se igualmente ao *futuro*, pois em certo sentido se pode dizer: “Serei salvo.”

O mesmo é verdade no tocante à palavra “redenção.” Embora o preço de aquisição — o resgate — tenha sido pago no Calvário, e por isso possamos dizer: “Fui remido,” existem também certos aspectos da redenção que ainda se acham no futuro. Lemos nas Escrituras a respeito da “redenção do nosso corpo” (Rom. 8:23), e referindo-Se a Seu segundo advento, nosso bendito Senhor e Salvador recomendou a Seus seguidores: “Erguei as vossas cabeças; porque a vossa redenção se aproxima.” S. Luc. 21:28.

O mesmo princípio se aplica com referência à palavra “expição.” Da maneira mais decisiva, o todo-suficiente sacrifício expiatório de Jesus nosso Senhor foi *oferecido e completado* na cruz do Calvário. Isso foi efetuado em favor de toda a humanidade, pois “Ele é a propiciação... pelos... pecados... do mundo inteiro.” (I S. João 2:2.)

Mas essa obra sacrificial em realidade só é proveitosa para os corações humanos quando êles rendem a vida a Deus e experimentam o milagre do nôvo nascimento. Nessa experiência Jesus, nosso Sumo Sacerdote, *aplica a nós os benefícios* de Seu sacrifício expiatório. Nossos pecados são perdoados, tornamo-nos filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus e a paz de Deus passa a habitar em nosso coração.

No tempo do tabernáculo antigo, em que os mistérios da redenção eram prefigurados por muitos sacrifícios e cerimônias simbólicas, o sacerdote, *depois* da morte da vítima sacrificial, punha o sangue nas pontas do altar. E o relato afirma que por meio desse ato “o sacerdote fará expiação por êle [pelo pecador] no tocante ao seu pecado, e êste lhe será perdoado.” Lev. 4:26. Assim, o sacrifício expiatório *provido* era acompanhado pelos benefícios da *aplicação* do mesmo sacrifício expiatório. No tempo do Antigo Testamento ambos eram considerados como aspectos da grande obra total de expiação. O primeiro dêles provia o sacrifício expiatório; o outro, a aplicação de seus benefícios.

Por conseguinte, o plano divino de redenção abrange mais do que a morte vicária e expiatória de Cristo, embora ela seja o próprio âmago dessa expiação; abrange também o ministério de nosso Senhor como nosso Sumo Sacerdote celestial. Havendo completado o Seu sacrifício, Ele ressuscitou dos mortos “por causa da nossa justificação” (Rom. 4:25) e penetrou no santuário do alto, para realizar ali Sua obra sacerdotal em favor do homem necessitado. “Tendo obtido eterna redenção” (Heb. 9:12) por nós na cruz, Ele *ministra agora os benefícios* dessa expiação em favor dos que aceitam Sua abundante provisão de graça. Assim, tendo sido completado no Calvário, o sacrifício expiatório precisa agora ser aplicado aos que são herdeiros da salvação, pa-

ra que se apoderem dêle. O *ministério* de nosso Senhor está portanto incluído na grande obra de expiação. Considerando pois o vasto alcance da expiação, em suas provisões e eficácia, percebe-se que ela é muitíssimo mais abarcante do que muitos imaginam.

Devemos lembrar-nos de que os homens não são salvos em massa, de modo automático, involuntário, impessoal ou universal. Precisam aceitar individualmente a graça divina, e cremos que embora Cristo morresse *de maneira provisional e potencial* em favor de todos os homens, e nada mais possa ser acrescentado a isso, Sua morte *em realidade e no final só será eficaz* para os que aceitam e aproveitam individualmente os seus benefícios.

Para salvar-se, é preciso haver arrependimento individual, e individual volver a Deus. O pecador deve lançar mão das provisões do sacrifício expiatório que foi inteiramente completado por Cristo no Calvário. E a *aplicação* da provisão expiatória da cruz, a pecadores arrependidos e a santos suplicantes, só se torna eficaz por meio do ministério sacerdotal de Cristo — quer a pessoa compreenda isso teologicamente na íntegra, quer não.

É essa última provisão do ministério sacerdotal que efetua a autêntica, tangível e contínua purificação do coração do indivíduo, não só da culpa mas também da poluição e do poder do pecado. É isso que a torna eficaz para os homens. O ministério celestial de Cristo em nosso favor efetua a realização da paz e alegria da redenção mediante o dom do Espírito Santo, que o nosso ministrante Sumo Sacerdote envia aos nossos corações. A expiação abrange, portanto, não só o ato transcendente da cruz, mas também os benefícios do sacrifício de Cristo que constantemente estão sendo aplicados aos que dêles necessitam. E isso continuará assim até o fim do tempo da graça.

I. O Vasto Alcance da Expição

Junto com outros cristãos conservadores, os adventistas apresentam uma expiação que requeria a encarnação do Verbo eterno — o Filho de Deus — a fim de que Ele pudesse tornar-Se o Filho do homem; e, vivendo entre os homens como nosso parente na carne, pudesse morrer em nosso lugar, para remir-nos. Cremos que a expiação provê um sacrifício todo-suficiente, perfeito e substituinte para o pecado, que satisfaz completamente a justiça de Deus e cumpre todos os requisitos, de modo que a misericórdia, a graça e o perdão possam ser estendidos livremente ao pecador arrependido, sem comprometer a santidade de Deus ou pôr em risco a equidade de Seu governo. “Tendo em vista a manifestação da Sua justiça no tempo presente, para Ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.” Rom. 3:26.

Dêsse modo Deus justifica completamente o pecador arrependido, por mais perverso que tenha sido, e imputa a perfeita justiça de Cristo para cobrir sua iniquidade; comunica então ao pecador, por intermédio da santificação, Sua própria justiça, para que seja transformado à própria semelhança de Cristo.

E o maravilhoso resultado de tudo isso ocorrerá por meio da glorificação de nossos corpos no segundo advento do Senhor, que trará para todo o sempre cabal e decisivo livramento até mesmo da presença do pecado.

Cristo é, portanto, a Oferta sacrificial, o Sacerdote ministrante e o Rei vindouro. Isso abrange o passado, o presente e o futuro, e cremos que culminará na final e eterna erradicação no universo, de todo pecado e seus efeitos, bem como de seu perverso originador. Segundo entendemos, é êsse o decisivo efeito da expiação realizada no Calvário.

II. O Sacrifício Expiatório e o Sacerdote Ministrante

Achamos ser de suma importância que os cristãos percebam a diferença entre o ato expiatório de Cristo na cruz como sacrifício que foi completado para sempre, e a Sua obra no santuário como Sumo Sacerdote oficiante, *ministrando os benefícios dêsse sacrifício*. O que Ele fez na cruz foi feito em favor de *todos os homens* (I S. João 2:2). O que Ele faz no santuário só é realizado em favor dos que *aceitam* Sua grandiosa salvação.

Ambos os aspectos são partes integrantes e inseparáveis da infinita obra divina de redenção. Um deles provê a oferta sacrificial; o outro provê a aplicação do sacrifício à alma arrependida. O primeiro foi efetuado por Cristo como vítima; o segundo, por Cristo como sacerdote. Ambos são aspectos do grande plano de redenção que Deus elaborou em favor do homem.

Que os adventistas do sétimo dia não são os únicos a adotar êste conceito evidencia-se pelos seguintes trechos de um livro publicado há pouco tempo:

“Expição é a obra de Deus em Cristo para salvação e restauração do homem.” — Vicente Taylor, *The Cross of Christ*, pág. 87.

“Em sua natureza e escopo, a expiação tanto é libertação como consecução. Tem que ver com o pecado do homem e com a sua bem-aventurança; e não pode ser uma coisa sem ser ao mesmo tempo a outra.” — *Idem*, págs. 87 e 88.

“De início, é importante distinguir dois aspectos da doutrina que podem ser separados em teoria, mas não sem grave perda na prática. Eles são... (a) o ato salvador de Cristo e (b) a apropriação de Sua obra pela fé, tanto individual como comunalmente. Os dois *juntos* constituem a expiação.” — *Idem*, pág. 88.

“Por conseguinte, a expiação tanto é efetua-

da *em nosso favor*, como operada *em nós*.” — *Idem*, pág. 89.

“Talvez nossa maior necessidade hoje em dia, se quisermos erguer-nos acima da pobreza da maior parte de nosso culto, seja experimentar mais uma vez admiração e confiança diante do incessante ministério salvador de Cristo, que é o verdadeiro centro da devoção cristã e a permanente fonte do viver cristão.” — *Idem*, pág. 104.

Quando, portanto, se ouve um adventista dizer, ou se lê na literatura adventista — mesmo nos escritos de Ellen G. White — que Cristo está fazendo expiação agora, deve-se compreender que queremos dizer que Cristo está agora *fazendo aplicação dos benefícios da expiação sacrificial que efetuou na cruz*; que a está tornando eficaz para nós individualmente, conforme nossas necessidades e petições. Já em 1857, a própria Sr.^a White explicou claramente o que queria dizer quando escrevia que Cristo está fazendo expiação por nós em Seu ministério:

“O grande sacrifício havia sido oferecido e aceito, e o Espírito Santo, que desceu no dia de Pentecostes, levou a mente dos discípulos do santuário terrestre para o celestial, onde Jesus havia entrado com o Seu próprio sangue, a fim de derramar sôbre os discípulos os *benefícios* de Sua expiação.” — *Primeiros Escritos*, pág. 260. (Grifo nosso.) — *Questions on Doctrine*, págs. 349-355.

Como Atrair e Prender a . . .

(Continuação da pág. 15)

vos de munições, e afastai-vos outra vez. Não vos abrigueis detrás dêle antes do término do sermão.

Trinta Minutos ou Fazer Uma Interrupção!

A última regra é de caráter preventivo. Visto que o limite absoluto da moderna resistência psicológica é de trinta minutos, não passeis dêsse tempo. Se fôr necessário fazê-lo, dividi então o sermão em duas partes, introduzindo no meio dêle alguma coisa que sirva para abrandar ou entreter. Lembrai-vos de que nenhum concêrto musical prossegue durante uma hora, sem interrupção; nenhuma peça teatral é apresentada num só ato de uma hora de duração; nenhuma competição esportiva é realizada num só turno ou período. Procuremos ser tão hábeis como os filhos dêste mundo, e talvez nosso auditório permaneça mais tempo conosco!

Oradores públicos, tenhamos o alvo de ser quais comandantes de esquadrilhas de uma poderosa brigada aérea dotada de energia e orientação individual, e não como Césares modernos arrastando cativos acorrentados com relutância à roda de nosso carro triunfal!

O Pastor e Ministro...

(Continuação da pág. 18)

Falei-lhe só de vez em quando, para estimulá-la a prosseguir com sua história. À medida que foi terminando a narrativa, seu rosto adquiriu colorido com o ardor de sua confissão, e até sorria ao ver-me fazer anotações em minha caderneta.

Depois de contar-me tôda a sua história, ela mesma propôs duas soluções que rejeitou imediatamente, sem minha ajuda. Afinal chegou à conclusão de que por essa vez perdoaria ao espôso, mas lhe faria saber quão mal se sentiu com sua atitude. Agradeceu-me “por tôda a ajuda” prestada e por meus “sábios conselhos,” e já estava indo embora quando a chamei para que fizéssemos uma oração a Deus. A verdade é que ao ouvi-la por meia hora, eu a ajudei a descarregar sua tensão nervosa, e ela pôde pensar então com mais equanimidade. Ocorreram em dêsses tratamentos psicoterápicos que amiúde são dados pelos ministros, de modo consciente ou inconsciente.

Sempre que nos encontrávamos, aquela senhora me agradecia “por tôda a ajuda” que eu lhe havia prestado “num dos momentos mais críticos” de sua vida.

Os ministros às vêzes negligenciam essa parte, que é tão importante como um conselho sábio e oportuno, e privam assim o paciente da única ajuda que em alguns casos poderiam prestar-lhe. Ouvir é uma ferramenta muito útil para o ministro, sendo algumas vêzes de maior utilidade do que uma palestra ou um estudo bíblico. Quando o paciente que se está desabafando acha-se acamado, deve-se cuidar para que não fale até ficar esgotado, o que seria contraproducente para sua saúde.

6.º) Não procedais como se soubésseis tudo. Quando o ministro tem a resposta na ponta da língua, para cada coisa que o paciente mencione, inclusive em medicina, não está fazendo nenhuma contribuição valiosa. Em primeiro lugar, está-se metendo num setor em que não é autoridade; e em segundo lugar, ao expressar-se como se soubesse tudo, impede que o paciente cumpra as instruções dadas pelo facultativo. Além disso, sua atitude deixará a impressão de que é demasiado autoritário, e o paciente não se atreverá a confessar-lhe seus problemas e preocupações, por haver perdido a confiança no ministro cuja atuação criou um ambiente desfavorável para isso.

(Continuará no próximo número.)



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50



Ano 34

N.º 6

NESTE NÚMERO

CAPA: © Review and Herald. Russell Harlan, Pintor

| | |
|--|----|
| O TEMPO É CURTO | 2 |
| EDITORIAL | |
| Espanzidos — Reunidos Enoch de Oliveira | 3 |
| ARTIGOS GERAIS | |
| Então! Estás no Ministério? Lyndon K. McDowell | 4 |
| As Duas Celas Apocalípticas Merling K. Alomia | 7 |
| OBRA PASTORAL | |
| Desde Dã Até Berseba Itanel Ferraz | 10 |
| O Pastor e Ministro Junto ao Leito de Pessoas Enfermas José Angel Fuentes Matamala | 11 |
| EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS | |
| Como Atrair e Prender a Atenção H. B. Lundquist | 14 |
| A América do Sul, a Mensagem Adventista e o Método — 3.ª Parte Enoch de Oliveira | 16 |
| PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA | |
| A Distinção Entre Animais Limpos e Imundos — 2.ª Parte Roberto L. Odom | 19 |
| PERGUNTAS SOBRE DOUTRINA | |
| Expição Sacrificial Provida; Expição Sacrifi- cal Aplicada | 21 |

